



EMPREENDER COM PROPÓSITO

MISSÃO, FÉ E PRESENÇA

Dr. Átila José Gomes

EMPREENDEUR COM PROPÓSITO

Missão, fé e presença

1ª EDIÇÃO



AUTOR

Dr. Átila José Gomes

DOI: 10.47538/AC-2025.39



Ano 2025

EMPREENDER COM PROPÓSITO

Missão, fé e presença

1ª EDIÇÃO

Catálogo da publicação na fonte

Gomes, Átila José.

Empreender com propósito: missão, fé e presença [recurso eletrônico] / Átila José Gomes. — 1. ed. — Natal : Editora Amplamente, 2025.

PDF.

Bibliografia.

ISBN: 978-65-5321-024-0

DOI: 10.47538/AC-2025.39

1. Prática odontológica. 2. Empreendedorismo. 3. Espiritualidade. 4. Biografia.
I. Título.

CDU 616.314:929

G633

Elaborada por Mônica Karina Santos Reis CRB-15/393

Direitos para esta edição cedidos pelos autores à Editora Amplamente.

Editora Amplamente

Empresarial Amplamente Ltda.

CNPJ: 35.719.570/0001-10

E-mail: publicacoes@editoraamplamente.com.br

www.amplamentecursos.com

Telefone: (84) 999707-2900

Caixa Postal: 3402

CEP: 59082-971

Natal- Rio Grande do Norte – Brasil

Copyright do Texto © 2025 Os autores

Copyright da Edição © 2025 Editora Amplamente

Declaração dos autores/ Declaração da Editora: disponível em

<https://www.amplamentecursos.com/politicas-editoriais>

Editora-Chefe: Dayana Lúcia Rodrigues de Freitas

Assistentes Editoriais: Caroline Rodrigues de F. Fernandes; Margarete Freitas Baptista

Bibliotecária: Mônica Karina Santos Reis CRB-15/393

Projeto Gráfico, Edição de Arte e Diagramação: Luciano Luan Gomes Paiva; Caroline Rodrigues de F. Fernandes

Capa: Canva®/Freepik®

Parecer e Revisão por pares: Revisores

Creative Commons. Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0



Ano 2025

Agradecimentos

A construção desta obra e da trajetória que ela traduz não seria possível sem o amparo espiritual, os laços afetivos e os mestres que, com generosidade, marcaram meu caminho.

A Deus, por Jesus Cristo, fonte primeira de sentido, coragem e permanência, rendo minha gratidão mais profunda. Foi essa fé silenciosa e perseverante que sustentou cada etapa do percurso.

À minha esposa, companheira de jornada, que compartilha comigo não apenas os dias serenos, mas também os desafios mais complexos da missão. Sua presença amorosa e firme é um sustento silencioso e constante. À minha filha, cuja existência renovou em mim a esperança e deu novo significado à palavra “futuro”, dedico meu esforço e a integridade de meu trabalho.

À memória de minha mãe, Maria Aparecida Santos Gomes, cuja ternura e força silenciosa permanecem como fundamento afetivo e ético. Ao meu pai, Cláudio José Gomes, por seu exemplo de dignidade e resiliência. Aos meus irmãos, Uiara Aparecida Gomes e Renato José Gomes, que representam vínculos de confiança e permanência, especialmente nos momentos de maior exigência.



Ano 2025

Estendo também minha gratidão a todas as minhas tias, *in memoriam*, mulheres que foram porto seguro, expressão de cuidado e memória afetiva. Suas presenças continuam a ecoar nas escolhas que fiz e continuo fazendo.

Aos mestres que me honraram com sua sabedoria professores, líderes e mentores deixo um agradecimento que é também reverência. Suas palavras, exemplos e silêncios moldaram não apenas meu ofício, mas minha forma de estar no mundo. A todos vocês, minha gratidão permanece como compromisso e testemunho. Estendo, ainda, um abraço fraterno e emocionado ao Prof. Me. Paulo Ferreira, cuja presença constante ao longo de toda a minha pós-graduação foi essencial. Gratidão é a palavra que melhor traduz o que levo deste percurso: respeito, inspiração e memória duradoura.

Dr. Átila Jose Gomes



Ano 2025

Sumário

Apresentação.....	8
Prefácio	10
Odontologia, Ética e Sentido: A Construção de um Caminho com Propósito	
Capítulo I	12
Empreendedorismo de Origem: Superação, Coragem e Propósito na Vida Real	
Capítulo II	21
Odontologia Humanizada: Técnica, Cuidado e Presença	
Capítulo III	30
A Ética da Presença: Profissão como Missão na Odontologia Humanizada	
Capítulo IV	43
Cuidar em tempos extremos: ética, medo e reinvenção durante a pandemia	
Capítulo V	54
Empreender com propósito: gestão ética, expansão e legado	
Capítulo VI	68
Conclusões Finais: A Jornada com Sentido Permanece	

Posfácio	71
Referências Bibliográficas	73
Minibiografia	75

Apresentação

A presente obra nasce de uma prática profissional que ultrapassa os limites da técnica para se converter em testemunho de coerência ética, excelência clínica e responsabilidade social. Ao longo de suas páginas, o leitor é conduzido por uma trajetória marcada não apenas por competências acadêmicas e operacionais, mas por uma rara habilidade de integrar, com autenticidade, conhecimento científico, sensibilidade humana e visão transformadora de mundo.

Átila José Gomes, protagonista desta narrativa, apresenta aqui não um acervo autobiográfico no sentido estrito, mas uma síntese crítica de vivências profissionais, experiências institucionais e valores que sustentam sua atuação na área da saúde bucal. Ao longo de décadas de prática clínica, gestão de equipes, participação em programas de formação e presença em eventos de referência nacional e internacional, o autor consolidou um perfil singular: o de um profissional que alia sofisticação técnica a uma profunda escuta do outro.

Trata-se de um percurso que revela não só competência técnica de alto nível, mas também habilidades interpessoais, éticas e organizacionais que o tornam referência em seu campo. Sua atuação em projetos sociais, liderança em iniciativas de educação em saúde e participação em programas de qualificação odontológica de excelência o posicionam como profissional cuja contribuição transcende o espaço do consultório.

A escrita desta obra, portanto, materializa um saber experiencial sistematizado, que pode servir tanto a estudantes quanto a profissionais da odontologia, da saúde coletiva e das ciências humanas. Ela se dirige, sobretudo, a quem reconhece que o cuidado com o outro exige mais do que formação técnica: exige maturidade emocional, clareza de propósito e compromisso com a dignidade humana.

A diversidade de contextos enfrentados pelo autor desde o atendimento em regiões vulnerabilizadas até a gestão ética de uma clínica de referência evidencia sua capacidade de adaptação, inovação e liderança. Sua formação continuada, com passagens por programas internacionais de atualização profissional, e sua postura crítica diante dos desafios contemporâneos do cuidado, fazem desta publicação um registro valioso de saber aplicado, não apenas no Brasil, mas em qualquer cenário onde a saúde seja tratada como um direito e não como um produto.

Neste sentido, este livro também cumpre uma função institucional: afirma a possibilidade de um exercício profissional ético, sensível e transformador em meio a pressões mercadológicas e técnicas. Ao documentar com lucidez as etapas, dilemas e reconstruções de seu caminho, o autor oferece ao leitor não um percurso idealizado, mas uma construção viva, feita de escolhas consistentes e compromisso com o bem comum.

Ao final, o que esta obra apresenta é mais do que um currículo em narrativa: é um testemunho de competências integradas, de valores praticados e de uma contribuição efetiva para a qualificação do campo da saúde.

Prefácio

Odontologia, Ética e Sentido: A Construção de um Caminho com Propósito

Este livro nasce da travessia singular de um profissional que decidiu viver sua trajetória na confluência entre três dimensões profundas: a odontologia como missão, o empreendedorismo como serviço e a espiritualidade como eixo invisível de sustentação.

Não se trata, portanto, de uma autobiografia convencional, tampouco de um manual técnico ou motivacional. Trata-se de uma obra-reflexão, em que a experiência de vida é transformada em matéria de pensamento, em testemunho de possibilidades éticas em meio a contextos desafiadores.

Ao longo dos capítulos, o leitor encontrará o desenvolvimento cuidadoso de três eixos estruturantes, que articulam entre si prática clínica, gestão responsável e maturidade humana:

O primeiro eixo é a odontologia humanizada, compreendida não como técnica descolada do sujeito, mas como linguagem de cuidado, escuta e presença. O autor revela como a prática odontológica, quando orientada por valores éticos, se torna instrumento de dignificação da vida.

O segundo eixo é o empreendedorismo com propósito, que se afasta do discurso do lucro a qualquer custo e se ancora em princípios como justiça, pertencimento

comunitário e comunicação responsável. A gestão da clínica, a formação de equipe e o posicionamento público são tratados aqui como escolhas éticas, não meramente estratégicas.

O terceiro eixo, transversal a toda a obra, é a espiritualidade ativa e a ética da presença, uma dimensão que transcende a inteligência emocional clássica. Trata-se de um modo de estar no mundo com integridade, coragem afetiva e discernimento moral especialmente diante do sofrimento alheio, da escassez de recursos e dos desafios de liderar com sensibilidade.

Essa trilogia temática oferece ao leitor não apenas uma história de superação, mas uma cartografia afetiva da vida profissional comprometida com o outro. Cada capítulo é uma dobra da realidade que foi atravessada com esforço, fé e lucidez. A escrita é delicada, mas firme. Não há idealizações, e sim busca por coerência.

Este livro, enfim, é uma contribuição rara num tempo marcado por urgências e fórmulas rápidas. Ele convida à lentidão necessária do cuidado, à escuta como ferramenta clínica, à gestão com compaixão e à espiritualidade como critério de permanência.

Que os leitores, independentemente de sua área de atuação, encontrem nestas páginas inspiração para servir com sentido, empreender com verdade e cuidar com inteireza.

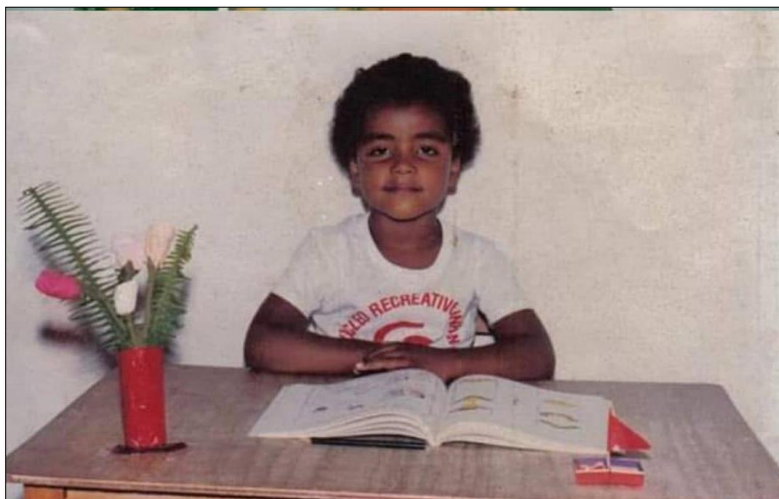
Empreendedorismo de Origem: Superação, Coragem e Propósito na Vida Real

1.1 Infância e perdas formativas: quando a dor desperta consciência

Nascer em um contexto de privações não é uma escolha. Minha trajetória teve início em um ambiente marcado pela escassez material, pela instabilidade afetiva e pela ausência de garantias. Aos quatro anos de idade, experimentei a saída de meu pai do convívio familiar, o que instaurou precocemente a figura da ausência e a ruptura de vínculos referenciais. Sob os cuidados de minha mãe, mulher de força silenciosa e dedicação integral, fui criado em uma família numerosa, onde o cotidiano era tecido por esforço, simplicidade e resistência.

Antes mesmo das responsabilidades precoces que o trabalho me impôs, havia em mim o desejo silencioso de aprender. A escola, embora simples e limitada em recursos, era para mim território sagrado de descobertas.

A fotografia a seguir registra um desses momentos inaugurais. É mais do que um retrato escolar: é um testemunho da infância que resistia, mesmo em meio à escassez, com dignidade e esperança.



Com nove anos, comecei a trabalhar vendendo limões na feira livre de minha comunidade. Aquele ambiente ruidoso e dinâmico, por vezes hostil, constituiu meu primeiro campo de formação ética e relacional. Ali, aprendi a observar com atenção, a negociar com respeito e a resistir ao cansaço diário. Muito mais que sobrevivência, o trabalho precoce me ensinou a enxergar o outro, a escutar, a lidar com rejeições e a cultivar a disciplina.

Aos dezenove anos, enfrentei a perda mais significativa de minha existência: o falecimento de minha mãe. Aquela ruptura não foi apenas emocional, mas também estrutural.

A imagem que segue é uma das poucas fotografias que conservo de minha mãe, Maria Aparecida Santos Gomes (*in memoriam*).



Sua presença, firme e silenciosa, foi a base de tudo que fui e continuo sendo. Mulher de fé, ternura resiliente e olhar atento, ela sustentou minha infância com trabalho árduo e amor incondicional.

Sua ausência física não extinguiu sua influência; pelo contrário, tornou-a ainda mais viva em minha memória ética, em meu modo de cuidar e na maneira como me posiciono diante da dor alheia.

Passei a viver só, sem qualquer rede de apoio familiar, tendo que equilibrar estudo e trabalho em condições de vulnerabilidade extrema. Esse momento tornou-se um divisor de águas. Foi então que compreendi, de forma dolorosa, que a vida exigiria de mim mais do que força: exigiria sentido.

Boris Cyrulnik (2001), ao conceituar resiliência, afirma que ela não é ausência de dor, mas capacidade de

reorganizar a vida a partir do trauma. Essa reorganização não ocorre de forma espontânea: ela exige vínculos, significados e valores que sustentem psiquicamente o sujeito diante da devastação. Na ausência de apoio externo, vi-me compelido a ativar, mesmo de forma inconsciente, recursos internos que viriam a se tornar fundamentos da minha caminhada.

Cada perda, cada ausência, cada tarefa pesada assumida fora do tempo natural da infância, compôs uma pedagogia silenciosa, porém potente. Foi nesse terreno árido que germinaram valores como empatia, responsabilidade e fé. A dor, paradoxalmente, tornou-se semente de missão: um chamado silencioso para transformar aquilo que me feriu em ferramentas de cuidado com o outro.

1.2 Trabalho precoce e amadurecimento: lições da rotina urbana

Aos quatorze anos, fui admitido como office boy na empresa Levi Strauss. Minha rotina consistia em deslocamentos diários por diferentes regiões da cidade, entregando documentos, solucionando tarefas externas e observando, silenciosamente, os bastidores do universo corporativo. Embora não ocupasse um cargo de destaque, aquele ambiente ofereceu-me um novo vocabulário e uma percepção ampliada sobre o mundo do trabalho.

Mais do que cumprir funções administrativas básicas, compreendi, naquele espaço, a importância da pontualidade, da precisão e da postura diante das responsabilidades. Aprendi a vestir-me adequadamente, a manter a compostura mesmo diante de situações adversas e

a representar, ainda que minimamente, a imagem de uma organização. Foram lições que se inscreveram não apenas em minha conduta profissional, mas em minha subjetividade.

Jessé Souza (2017), ao analisar a formação social da juventude brasileira, afirma que o jovem oriundo das classes populares é inserido precocemente no mercado de trabalho em razão da ausência de redes protetivas. Essa inserção prematura, embora marcada por adversidades, exige um tipo de competência prática e emocional não demandada à juventude das elites. Nesse sentido, o trabalho precoce torna-se um rito de passagem não planejado, mas inevitável uma escola informal de sobrevivência e amadurecimento.

Foi nesse contexto que comecei a desenvolver uma mentalidade construtiva. O trabalho, ainda que não fosse o ideal, oferecia um primeiro espaço de pertencimento social. Tratava-se de uma cidadania parcial, limitada, mas que me permitia existir publicamente. Ao final de cada jornada, carregava mais do que cansaço: trazia a sensação de estar aprendendo a me posicionar no mundo.

A consciência do valor do esforço, a dignidade do trabalho honesto e a autodisciplina passaram, progressivamente, a moldar meu olhar sobre a vida. Sem saber, estava internalizando princípios que, mais tarde, se converteriam nos fundamentos da minha prática empreendedora não como simples busca de autonomia econômica, mas como compromisso ético com a construção de sentido, responsabilidade e presença.

1.3 Início da trajetória empreendedora: aprendizados na informalidade

As primeiras iniciativas empreendedoras surgiram ainda na juventude, impulsionadas não por um plano de negócios, mas pela necessidade concreta de ampliar minha renda e conquistar certa autonomia. Naquele momento, o desejo de construir algo que fosse meu, por menor que fosse, começou a ganhar forma. Foi assim que iniciei uma pequena ótica, seguida, posteriormente, por uma imobiliária modesta. Nenhuma dessas empreitadas contava com lastro técnico ou capital robusto. Mas havia entre elas um elemento comum: a vontade de existir com dignidade, ainda que nos limites da informalidade.

Lembro-me de cada detalhe: os cálculos improvisados, os atendimentos feitos com intuição e cuidado, os erros que, à época, pareciam fracassos definitivos, mas que, com o tempo, se revelaram experiências estruturantes. A ausência de conhecimento técnico levou-me, muitas vezes, a cometer falhas administrativas que resultaram em prejuízos reais. Ainda assim, cada equívoco converteu-se em uma aula concreta, não de teoria, mas de realidade. Aprendi, assim, a observar o comportamento dos clientes, a escutar suas dúvidas, a respeitar seus medos e a reconhecer os limites daquilo que eu ainda não sabia.

Muhammad Yunus (2008), ao refletir sobre o empreendedorismo em contextos periféricos, afirma que, em muitos casos, empreender não é uma escolha idealizada, mas uma forma ética de sobrevivência. Trata-se de criar uma alternativa diante da ausência de oportunidades formais.

Concordo com essa perspectiva. Não empreendi por ter identificado uma “lacuna de mercado”, como ensinam os manuais empresariais, mas porque era o único caminho disponível para continuar existindo com alguma independência.

A informalidade, apesar de suas limitações, foi um território fértil de aprendizagem. Nela, desenvolvi habilidades que nenhum curso tradicional havia me oferecido até então: escuta ativa, adaptabilidade, negociação sensível, resiliência cotidiana. Ali compreendi que empreender, em sua forma mais crua, significa assumir riscos reais sem proteção, sem garantias e sem manual.

Havia também uma dimensão invisível nesse processo: a construção simbólica da autoestima e do pertencimento. Cada pequeno acerto, cada cliente satisfeito, cada novo contato representava um indício de que eu estava, mesmo que timidamente, criando algo que carregava minha marca. Aos poucos, fui entendendo que o empreendimento não era apenas o espaço físico que eu ocupava, mas o reflexo direto da minha visão de mundo: ética, proximidade e cuidado.

Aquelas experiências informais não prosperaram financeiramente como eu desejava, mas foram decisivas para minha formação como sujeito ativo na sociedade. A partir delas, aprendi a assumir responsabilidades, a reconhecer meus limites e a buscar, mais tarde, qualificação formal para empreender com consistência. Olhando em retrospectiva, compreendo que aquele período não foi um desvio, mas uma fundação. Era o início de um modo de agir que permaneceria presente: buscar soluções reais com os

recursos disponíveis, respeitando quem sou, sem renunciar à esperança de fazer mais e melhor.

1.4 Empreender para resistir: criatividade diante da escassez

A escassez, ao contrário do que muitos pensam, não paralisa. Em muitos contextos, ela ativa uma forma singular de criatividade: uma inteligência prática, adaptativa e sensível, que nasce da urgência e da experiência concreta de viver com pouco. Foi nesse cenário de carência que desenvolvi uma visão empreendedora vinculada não ao lucro imediato, mas à necessidade de encontrar soluções reais, possíveis e humanas para problemas cotidianos.

Durante os primeiros anos de minha trajetória, os recursos materiais eram mínimos. Não dispunha de capital, formação técnica, consultorias ou redes de apoio. No entanto, o desejo de sustentar-me com dignidade era intenso o suficiente para mobilizar ações. Passei a transformar limitações em estratégias. Um espaço simples de atendimento, por exemplo, tornava-se acolhedor pela escuta e pelo respeito. Um serviço comum ganhava valor porque era oferecido com honestidade e presença ética. O que faltava em estrutura, eu buscava compensar com compromisso.

Em contextos periféricos, empreender é, muitas vezes, um gesto de resistência. Não se trata de responder a uma oportunidade de mercado, mas de afirmar uma existência. Conforme defende Paulo Freire (1996), a ação transformadora surge quando o sujeito, mesmo imerso em condições adversas, recusa a passividade e torna-se autor

de sua própria história. Essa compreensão foi fundamental para mim. Não desejava apenas sobreviver, mas participar ativamente da construção de uma trajetória que tivesse sentido.

Com o tempo, fui percebendo que criatividade, nesse contexto, não é invenção performática. Ela se revela na capacidade de fazer com pouco, de redesenhar possibilidades a partir do que existe, de enxergar além da escassez aparente. Criar um negócio não era, para mim, uma busca por status, mas por permanência. Era a tentativa de não desaparecer diante das ausências que marcaram minha infância e juventude. Empreender tornou-se, assim, uma forma de resistência subjetiva, social e simbólica.

Mesmo nos momentos de maior fragilidade, mantive um senso ético que se manifestava nas pequenas escolhas. Negar práticas injustas, respeitar o tempo dos outros, entregar o que foi prometido, ouvir com atenção. Esses gestos, embora simples, compunham uma pedagogia silenciosa. Tratava-se de aprender a sustentar valores mesmo quando o entorno não os reconhecia ou recompensava.

A criatividade que emerge da escassez não é romantizada aqui. Ela é exigente, marcada por dores e tentativas que nem sempre resultam em sucesso. No entanto, é também transformadora. É nesse lugar, onde os modelos tradicionais não alcançam, que surgem formas alternativas de ação, capazes de sustentar não só negócios, mas vínculos, dignidade e sentido.

Odontologia Humanizada: Técnica, Cuidado e Presença

2.1 Quando a fé sustenta o invisível: resistência nos dias de silêncio

Em certos períodos da vida, as palavras faltam, os gestos desaparecem e a presença do outro torna-se distante ou inexistente. Há momentos em que nos tornamos invisíveis até mesmo para aqueles que julgávamos mais próximos. É nesse silêncio denso, por vezes opressor, que a fé assume seu papel mais radical. Foi durante essas fases de invisibilidade, quando o barulho do mundo cessava e as ausências ganhavam forma, que descobri a profundidade de uma fé que não pedia respostas, mas sustentava o corpo e a alma.

Não me refiro aqui à fé dogmática ou à repetição de rituais. Falo de uma experiência íntima, silenciosa, muitas vezes não verbalizada, mas real. A fé que me amparava nesses momentos não era ensinada em púlpitos nem resumida em versículos. Era uma disposição interna de continuar, mesmo sem garantias. Era a convicção de que a existência tem sentido, ainda que, temporariamente, esse sentido não esteja claro.

Durante as fases de maior solidão, eu aprendi que a fé não se mede pela quantidade de certezas, mas pela persistência em permanecer de pé. Enquanto o mundo parecia seguir seu curso indiferente, eu me agarrava àquela

dimensão interior que me impedia de sucumbir à indiferença. Havia algo maior sustentando minha respiração, algo que não se deixava apagar, mesmo quando tudo ao redor parecia escuro.

A fé, para mim, foi resistência ética diante da desesperança. Ela se manifestava nos pequenos gestos de continuidade: levantar-se pela manhã, escutar com atenção, trabalhar com decência, mesmo quando o reconhecimento era ausente. Não era uma fé triunfalista. Era, antes, uma fé encarnada na fragilidade, cultivada no silêncio e sustentada por uma confiança sutil, mas profundamente enraizada.

Ao longo da vida, aprendi que a fé autêntica não precisa ser espetaculosa. Muitas vezes, ela atua nos bastidores, fortalecendo o invisível. Ela não elimina a dor, mas transforma sua função. Torna-se companheira, e não inimiga. Alimenta a resistência, e não a fuga. E é exatamente por isso que, nos dias mais silenciosos, ela se fez mais presente: não para me tirar do mundo, mas para me manter nele com inteireza.

2.2 Espiritualidade ativa: amparo além dos próprios limites

Ao longo da vida, fui compreendendo que a espiritualidade não representa um estado de fuga, mas uma forma de presença radical. Longe de afastar-me da realidade, ela me ensinou a estar mais inteiro nela, com lucidez, coragem e escuta. Em momentos de exaustão física, emocional ou moral, quando minhas forças humanas se mostravam insuficientes, a espiritualidade oferecia-me um

lugar de amparo. Esse lugar não consistia em descanso passivo, mas em possibilidade de reinício, sustentada por uma confiança silenciosa.

Esse movimento interior não nasceu de eventos extraordinários ou de experiências místicas excepcionais. Foi sendo moldado pelo cotidiano, em pequenos atos que me reconectavam com o sentido da vida: uma prece sincera, um silêncio respeitado, um gesto de cuidado, uma escolha ética diante da pressão. Com o tempo, percebi que a espiritualidade verdadeira não se opõe à realidade concreta. Ela é, na verdade, uma forma de habitá-la com profundidade.

Em muitas situações, as ferramentas convencionais, como as técnicas, as acadêmicas ou as institucionais, não foram suficientes para enfrentar dores mais complexas. Nessas ocasiões, compreendi o valor de uma espiritualidade ativa, capaz de reorganizar sentidos e sustentar decisões éticas. Trata-se de uma disposição interior que fortalece a ação e estrutura a presença, mesmo nos contextos mais frágeis. Essa espiritualidade operava como eixo silencioso e firme, permitindo-me permanecer de pé quando tudo ao redor parecia desestruturado.

Em sua obra, Viktor Frankl (2008) destaca que o ser humano é capaz de encontrar sentido mesmo no sofrimento, desde que se conecte a uma dimensão interior que transcenda a lógica imediata. Essa dimensão não elimina a dor, mas lhe confere uma orientação. Concorro com essa perspectiva. Minha espiritualidade, embora pessoal, sempre se orientou por esse princípio: agir apesar do medo, cuidar mesmo na dúvida, resistir com integridade.

Essa espiritualidade não me distanciava da razão, mas a complementava. Contrariando certos discursos dualistas, aprendi que fé e reflexão crítica não são opostas. Ao contrário, quando orientadas por valores humanos universais, como a justiça, a compaixão e o respeito, elas se fortalecem mutuamente. A espiritualidade, nesse sentido, tornou-se critério e sustento. Não me afastava da realidade, mas me devolvia a ela com mais discernimento.

Foi esse exercício diário que me permitiu compreender que os limites humanos não representam um ponto final, mas o início de algo mais profundo. Quando reconheço minhas insuficiências, crio espaço para a escuta do essencial. Nesse vazio que se apresenta, não encontro abandono, mas presença. A espiritualidade ativa, portanto, não nega o sofrimento. Ela o atravessa. Ela reorganiza, fortalece, humaniza. Não me tira das circunstâncias, mas me capacita a permanecer nelas com outro olhar.

2.3 Coragem como expressão da fé: o invisível que move ações concretas

Há um tipo de coragem que não se anuncia com gestos grandiosos nem se impõe por força. Trata-se de uma disposição silenciosa, que nasce do invisível e se manifesta na escolha de permanecer, de agir, de resistir com ética mesmo quando os cenários são adversos. Foi essa forma de coragem que a fé me ensinou: não como bravura exterior, mas como convicção interior de que a vida vale ser sustentada, mesmo sem garantias imediatas.

Em muitos momentos de minha trajetória, enfrentei situações em que a razão não oferecia caminhos claros. Nessas horas, o que me impulsionava era algo mais sutil, mais profundo: uma certeza não explicável, mas sentida. Era a fé, entendida como impulso ético que me movia a continuar. Esse impulso não apagava o medo, mas o colocava em perspectiva. Permitia-me enxergar além do risco imediato e compreender que certas ações, mesmo pequenas, são atos de fidelidade ao que se acredita.

A coragem, nesse sentido, não era ausência de temor, mas a capacidade de agir apesar dele. Ela surgia no atendimento a alguém em sofrimento, na escuta de um silêncio difícil, na manutenção da integridade mesmo quando seria mais fácil ceder. Aprendi, com o tempo, que a fé verdadeira não se fecha na contemplação. Ela exige coerência entre o que se crê e o que se pratica. Não basta acreditar. É preciso encarnar essa crença em atitudes visíveis, concretas, comprometidas.

Na tradição filosófica, Paul Tillich (1952) define a coragem como o ato de afirmar o ser diante da ameaça do não-ser. Essa afirmação do ser não ocorre de forma abstrata. Ela se dá nos gestos cotidianos, nas decisões éticas e na persistência diante da dor. Essa perspectiva encontra eco em minha experiência. Cada vez que permaneci fiel a valores em contextos difíceis, experimentei essa forma de coragem alimentada pela fé.

Ao compreender que a fé move, mas não impõe, que sustenta, mas não anula o discernimento, fui criando um caminho em que espiritualidade e responsabilidade social se entrelaçam. A coragem de seguir, de tentar, de cuidar,

mesmo sem resultados imediatos, tornou-se parte da minha prática. Não por heroísmo, mas por fidelidade ao que me constitui.

Essa coragem não é celebrada nos manuais de liderança nem é medida por métricas empresariais. Ela se revela no modo como nos mantemos éticos em meio à instabilidade. Na forma como continuamos, mesmo quando quase ninguém mais acredita. E é essa força, silenciosa e profunda, que a fé me oferece: uma coragem que não precisa aparecer, mas que sustenta, transforma e permanece.

2.4 Pequenas certezas, grandes permanências: a fé nos gestos cotidianos

Com o tempo, fui entendendo que a fé não se sustenta apenas em momentos extraordinários. Ao contrário, ela se revela com mais nitidez na repetição silenciosa dos gestos diários. Foi na rotina aparentemente comum que experimentei a profundidade de uma espiritualidade que não precisa ser proclamada para ser verdadeira. Cuidar de alguém com paciência, respeitar a palavra dada, manter a honestidade diante de pequenas tentações são nesses lugares que a fé se faz corpo.

Durante os períodos de maior instabilidade, foram justamente essas pequenas certezas que me sustentaram. Não havia promessas grandiosas nem garantias de êxito. Havia, no entanto, o compromisso silencioso com o que acredito. Um compromisso que se manifestava nas escolhas simples, como comparecer ao trabalho mesmo sem

reconhecimento, escutar alguém sem pressa, oferecer ajuda mesmo quando pouco eu tinha.

Essas atitudes cotidianas não eram motivadas por desejo de recompensa, mas por coerência interior. Descobri que a fé mais robusta não é a que move montanhas, mas a que permanece firme no cuidado com o que é pequeno, com o que parece invisível aos olhos de fora. E, talvez por isso mesmo, seja tão potente. A espiritualidade que floresce nas entrelinhas da vida cotidiana possui uma força discreta, mas transformadora.

Em sua reflexão sobre a ética da responsabilidade, Emmanuel Lévinas (2006) afirma que a verdadeira humanidade se revela na atenção ao outro, especialmente quando esse outro não exige, não reivindica, mas simplesmente existe. Essa perspectiva ilumina minha compreensão sobre a fé. Ser fiel ao que acredito é, antes de tudo, manter viva a atenção ao outro. É perceber que o sagrado se manifesta na forma como se serve o café, se ouve uma dor, se cumpre um compromisso assumido.

As pequenas certezas, quando cultivadas com constância, tornam-se raízes profundas. Não são espetaculares, mas conferem estabilidade. São elas que sustentam a permanência quando tudo ao redor oscila. E, em minha caminhada, foi essa permanência que me possibilitou atravessar ciclos difíceis sem perder o eixo. A fé, portanto, não está apenas no discurso religioso, mas na postura com que se vive a rotina.

Hoje, continuo acreditando que o cuidado silencioso com a vida concreta é uma forma elevada de espiritualidade. Não se trata de grandes gestos nem de palavras

altissonantes, mas da repetição ética e amorosa dos compromissos mínimos. É nessa fidelidade ao pequeno que reside a grandeza da fé.

2.5 A fé como escolha consciente: entre lucidez e transcendência

Ao longo dos anos, compreendi que a fé não é um dom aleatório, nem uma crença imposta por tradição. Para mim, ela foi e continua sendo uma escolha consciente, renovada a cada gesto, a cada silêncio, a cada desafio. Não se trata de uma entrega cega ou de uma adesão automática a dogmas, mas de uma atitude existencial profundamente lúcida: viver com sentido, mesmo diante do inexplicável.

Essa escolha não se deu de forma repentina. Ela foi amadurecendo lentamente, nos encontros com o sofrimento e com a beleza, com a finitude e com a solidariedade. A fé passou a habitar o espaço entre a razão e o mistério, entre o que posso compreender e o que só posso sustentar. Essa convivência entre lucidez e transcendência nunca me pareceu contraditória. Pelo contrário, foi esse equilíbrio que me ofereceu sustentação interior diante das incertezas inevitáveis.

Escolher a fé, em minha experiência, é optar por um modo de estar no mundo em que a ética precede a vantagem e em que o outro é reconhecido como legítimo. É decidir diariamente que vale a pena continuar, mesmo quando não se vê o horizonte. Não há heroísmo nisso. Há coerência. E é essa coerência que me orienta, especialmente nos

momentos em que o contexto parece desorganizado ou injusto.

A teóloga Ivone Gebara (2010), ao refletir sobre espiritualidade e lucidez, afirma que a fé, quando pensada a partir das margens da sociedade, revela-se como gesto político, ético e profundamente humano. Não se trata de crença alienada, mas de compromisso com a vida em sua forma mais frágil. Essa compreensão ecoa em minha trajetória. A fé que escolhi sustentar é aquela que se compromete com a justiça, com o cuidado, com a dignidade.

A transcendência, nesse contexto, não é fuga do real, mas aprofundamento do real. É enxergar o que os olhos não veem: os vínculos invisíveis, os afetos silenciados, os gestos que não geram lucro, mas geram sentido. Escolher essa fé é também assumir os limites de não controlar tudo, de não saber tudo, mas de seguir confiando que a vida tem valor, mesmo quando não oferece respostas claras.

Ao encerrar este capítulo, reafirmo que a espiritualidade que me move não é estática. Ela cresce comigo, transforma-se, amplia-se. Mas nunca deixa de ser escolha. Uma escolha consciente, lúcida, crítica, comprometida com o humano. E é por meio dela que sigo construindo minha presença no mundo: com humildade, com perseverança e com o desejo sincero de ser inteiro, mesmo quando tudo ao redor fragmenta.

A Ética da Presença: Profissão como Missão na Odontologia Humanizada

3.1 O fracasso como ruptura e revelação

Falar sobre o fracasso exige mais do que coragem; exige sinceridade. Durante muito tempo, evitei nomear certas experiências como fracassos. Pareciam palavras duras demais para momentos que, embora dolorosos, me ensinaram mais do que qualquer conquista. No entanto, compreendi que assumir a queda é também reconhecer a complexidade da vida real, onde o erro não é exceção, mas parte da condição humana.

As rupturas mais marcantes da minha trajetória não aconteceram apenas por fatores externos. Muitas vezes, foram consequência direta de escolhas impensadas, de decisões tomadas sob pressão ou de expectativas construídas sobre bases frágeis. Quando os projetos não se sustentaram, quando parcerias ruíram ou quando recursos se perderam, não foi o prejuízo material que mais doeu, mas o impacto silencioso sobre minha autoestima e sobre a imagem que construí de mim mesmo.

Esses momentos revelaram não apenas limites operacionais, mas também verdades sobre quem eu era e o que eu evitava enxergar. O fracasso, nesse sentido, não foi apenas queda. Foi espelho. Ele me obrigou a rever

prioridades, a escutar silêncios que antes ignorava e a lidar com a dor sem disfarces. Pela primeira vez, percebi que havia algo de revelador no colapso: ele mostrava não o fim, mas o que precisava ser reconstruído com mais fundamento.

Lembro-me de situações em que precisei enfrentar a desconfiança alheia, lidar com olhares que julgavam ou silêncios que excluía. Nessas horas, fui forçado a abandonar qualquer pretensão de perfeição. Percebi que não se trata de apagar os erros, mas de aceitá-los como parte da minha biografia. O fracasso me devolveu à realidade com mais humanidade.

A queda, quando acolhida com honestidade, torna-se um lugar de reinvenção. Ela revela não apenas o que ruiu, mas o que ainda permanece. E foi nesse lugar de vulnerabilidade que pude começar a reconstruir, com menos ilusão e mais verdade. O fracasso não precisa ser negado, disfarçado ou moralizado. Ele pode ser enfrentado com ética, com humildade e, acima de tudo, com compromisso com quem se deseja ser, mesmo depois de errar.

3.2 A Quando tudo desmorona: aprendizados na crise

Existem momentos em que a estrutura que sustenta nossa trajetória parece desabar de uma só vez. Não há avisos claros nem tempo para preparação. Apenas o colapso. Foi em situações assim que experimentei o que chamo de crises fundadoras momentos em que tudo ao redor se desorganiza e, ao mesmo tempo, algo novo começa a se formar silenciosamente dentro de nós.

Em uma dessas ocasiões, enfrentei uma sequência de perdas que me desestabilizou profundamente. Projetos profissionais interrompidos, relações abaladas, promessas que não se cumpriram. Em pouco tempo, precisei lidar com o que havia falhado fora de mim, mas também com o que se partiu por dentro. Não era simples administrar as consequências externas, mas era ainda mais difícil reorganizar o que havia se rompido em minha confiança pessoal.

No auge da crise, compreendi que certas dores não se resolvem com técnica nem com boas intenções. É preciso atravessá-las. Aprendi a reconhecer meus próprios limites, a pedir ajuda sem vergonha, a aceitar que há momentos em que não se tem respostas, mas se precisa seguir. As máscaras que sustentavam uma aparência de controle caíram, e com elas veio a possibilidade de me reconstruir com mais verdade.

Em vez de buscar culpados, fui me responsabilizando. Não por tudo, mas pelo que era meu. Pelas escolhas apressadas, pelas omissões que deixei passar, pelas ilusões que alimentei. Essa postura me custou muito, mas também me devolveu algo valioso: a liberdade de recomeçar sem precisar sustentar uma imagem idealizada de mim mesmo.

Esses aprendizados não vieram da teoria. Vieram da dor. E é justamente por isso que se tornaram tão marcantes. Descobri que uma crise, embora destrutiva, pode ser também formativa. Ela revela o que não sustentava mais, e, ao mesmo tempo, abre espaço para o que pode ser reconstruído com mais solidez.

Hoje, ao olhar para aquele período, não o romantizo. Foi duro, real e cansativo. Mas foi também fecundo. A crise ensinou-me a escutar, a discernir e, sobretudo, a permanecer, mesmo quando tudo convida à desistência. Foi nesse território instável que comecei a entender a diferença entre fracassar e ser derrotado. A primeira condição pode ser pedagógica; a segunda, só se instala quando se abandona a esperança de transformar.

3.3 Responsabilidade e reparo: o que se faz depois do erro

Depois que a crise se instala e os danos estão visíveis, é preciso decidir como seguir. Assumir um erro não é simples. Requer maturidade emocional, coragem ética e disposição para enfrentar os efeitos que ele provoca nos outros e não apenas em si. Percebi que o verdadeiro ponto de inflexão não está na queda em si, mas na forma como se responde a ela. O que se faz depois do erro é o que, de fato, nos define.

Houve situações em que precisei reconhecer publicamente falhas que haviam afetado terceiros. Nessas ocasiões, enfrentei não só a vergonha do equívoco, mas também o peso da decepção alheia. Descobri que não basta pedir desculpas. É necessário reparar, tanto quanto possível, os impactos deixados. Isso envolve escuta, paciência, restituição, silêncio. E nem sempre há garantias de perdão. Ainda assim, a responsabilidade é intransferível.

Aprendi que assumir os próprios atos, sem buscar justificativas ou culpados, fortalece uma dimensão interna que nenhuma vitória pública seria capaz de construir. A

integridade não nasce do acerto permanente, mas da capacidade de sustentar a verdade, mesmo quando ela nos expõe. Ao fazer isso, não me sentia menor. Pelo contrário, recuperava, em meio à perda, uma forma de respeito por mim mesmo.

Algumas dessas experiências exigiram que eu voltasse atrás, desfizesse acordos, abrisse mão de vantagens ou admitisse que havia ultrapassado limites éticos que antes julgava inegociáveis. O mais difícil foi reconhecer que nem todas as pessoas estavam dispostas a caminhar comigo depois disso. E isso também faz parte do reparo: aceitar que nem tudo será como antes, mas que algo novo pode ser construído com mais consistência.

Paul Ricoeur (2000) nos lembra que a identidade é sempre narrativa: somos feitos de memória, de promessa e de responsabilidade. A partir dessa ideia, passei a entender que reparar não é apagar o erro, mas incorporá-lo na história, de modo digno. Não se trata de construir um personagem que aprendeu, mas de continuar sendo quem se é, com as marcas da queda e com o compromisso do cuidado.

Se houve uma ética que se firmou com mais força nesse período, foi a ética da presença fiel. Estar, continuar, mesmo quando se é questionado, descreditado ou silenciado. O reparo não se dá com discursos, mas com permanência. E foi com esse senso de presença discreta, mas constante que segui tentando restaurar o que havia sido rompido.

3.4 A dignidade de recomeçar: o fracasso como reinício

Recomeçar não é voltar ao ponto de partida. É iniciar de outro lugar, carregando as marcas do que se viveu e a responsabilidade pelo que se aprendeu. Depois de cada queda, precisei lidar não apenas com as consequências práticas do fracasso, mas com as vozes internas que insistiam em me lembrar dos erros. O silêncio após a instabilidade é, por vezes, mais ruidoso do que o colapso em si.

Nos períodos em que precisei reconstruir a própria trajetória, enfrentei o desafio de seguir mesmo sem a certeza de que seria aceito, acolhido ou compreendido. Percebi que o recomeço exige mais do que força. Ele exige verdade, paciência e respeito pelos próprios limites. Recomeçar é assumir o que se sabe, o que ainda não se sabe e o que não se quer repetir.



Essa etapa da vida não foi movida por euforia. Foi um processo íntimo e gradual, no qual aprendi a confiar novamente nas pequenas decisões. Compreendi que um novo começo não se sustenta em promessas grandiosas, mas na constância do esforço cotidiano. A dignidade do recomeço está justamente em não negar o que passou, mas em não permitir que ele defina todo o futuro.

Este foi o contexto em que reencontrei forças para retomar minha prática, reencontrar pessoas, propor novas iniciativas e, principalmente, viver sem fingimentos. A imagem que simboliza este momento não é de celebração, mas de presença. Ela representa o instante em que decido permanecer de pé, ainda que com menos certezas, mas com mais coerência. Olhar para frente com honestidade tornou-se meu gesto mais radical de esperança.

Não romantizo o recomeço. Ele é trabalhoso, solitário em muitos momentos e silencioso na maior parte do tempo. No entanto, é também fértil. Ali nascem outras possibilidades: vínculos mais verdadeiros, ações mais ponderadas, escuta mais atenta. E, com o tempo, o que parecia uma repetição da queda transforma-se em outra coisa: uma forma nova de caminhar.

O fracasso, quando transformado em aprendizado, não marca o fim da trajetória. Ele pode inaugurar uma etapa mais íntegra, mais comprometida e mais humana. Recomeçar, então, é mais do que reiniciar um projeto. É reafirmar uma escolha de vida, mesmo com tudo que já se perdeu. E é essa decisão, consciente e silenciosa, que me acompanha desde então.

3.5 A espiritualidade e a fé como fundamentos do cuidado

Em contextos profissionais marcados pela racionalidade técnica, a espiritualidade é, muitas vezes, tratada como dimensão irrelevante ou subjetiva demais para ser considerada no exercício clínico. Contudo, para profissionais que compreendem a saúde como fenômeno integral envolvendo corpo, mente, vínculos e sentido, a espiritualidade se apresenta não como adorno, mas como eixo profundo de sustentação ética e de presença autêntica. No campo da odontologia humanizada, essa dimensão espiritual não se expressa em discursos, mas na maneira como se está com o outro: na escuta que acolhe, no gesto que respeita e no silêncio que reconhece a dor.

A espiritualidade, nesse horizonte, não se confunde com religiosidade institucional. Ela pode ou não estar vinculada a uma confissão de fé, mas sempre diz respeito à forma como o sujeito se posiciona diante do mistério da vida, da dor e da alteridade. Viktor Frankl (1946), em suas reflexões sobre o sentido da existência, argumenta que o ser humano encontra sua força para seguir não na eliminação do sofrimento, mas na possibilidade de atribuir-lhe um sentido. A espiritualidade, nesse contexto, é a linguagem do sentido. É o que permite ao profissional não se perder no automatismo dos procedimentos e lembrar-se, a cada paciente, da singularidade que ali se apresenta.

A presença clínica, quando orientada por uma espiritualidade madura, torna-se espaço de serviço. Não há heroísmo nessa postura, nem messianismo. Há, antes, uma consciência clara de que o cuidado é um gesto ético de hospitalidade. Leonardo Boff (1999) denomina esse gesto

como “ética do cuidado”, uma atitude interior que reconhece a vulnerabilidade como lugar de encontro, não de superioridade. O profissional da saúde, quando fundamenta sua prática nesse ethos, transforma sua atividade em missão uma missão de presença, de acolhimento e de dignificação do outro.

Na trajetória do autor, a fé cristã, construída ao longo da vida como convicção íntima e sustentação moral, tornou-se um alicerce para o modo como compreende sua atuação profissional. Essa fé, longe de ser convertida em discurso evangelizador no espaço clínico, se manifesta em atitudes concretas: na paciência diante da resistência do paciente, na compaixão com as histórias de dor que emergem no consultório, na esperança silenciosa de que cada atendimento possa ser um ponto de inflexão na vida de quem ali está. A espiritualidade, nesse sentido, não se prega se vive.

Em atendimentos mais delicados, quando há medo extremo, histórico de violência, ou sofrimento psíquico evidente, a espiritualidade interior do profissional oferece um espaço de sustentação emocional. O que permite manter a serenidade, a escuta ativa e a delicadeza, mesmo diante do caos, não é unicamente a formação técnica, mas a estrutura espiritual que o habita. Frankl (1946) denomina essa estrutura como o “núcleo espiritual do ser humano”, uma dimensão que permanece intacta mesmo quando tudo ao redor parece ruir. É a partir desse núcleo que o cuidado ganha profundidade.

A fé também tem uma função organizadora para o próprio profissional, especialmente diante da exaustão, da

sobrecarga ou das experiências-limite da profissão. Sustentar o olhar compassivo, dia após dia, diante da dor alheia, requer uma fonte interna de sentido que vá além dos resultados materiais. A espiritualidade funciona, nesse caso, como fonte de equilíbrio e reconexão. Ela recorda que, mesmo em meio à técnica, o ato de cuidar é um gesto sagrado, pois toca o mais íntimo do outro.

No cotidiano da clínica, esse eixo espiritual se torna ainda mais necessário em situações de atendimento a pacientes emocionalmente exauridos, socialmente negligenciados ou marcados por desconfiança. Nesses encontros, a espiritualidade se expressa em pequenos gestos: na escuta sem julgamento, na clareza das explicações, na disposição para acolher a dor do outro sem pressa de resolvê-la. A fé, nesse contexto, não é discurso, mas forma de estar.

Além disso, é essa espiritualidade que permite ao profissional manter-se íntegro diante das tensões éticas do mercado, das pressões financeiras, das demandas excessivas. Ela oferece um critério que não está submetido à lógica da produtividade, mas à lógica do cuidado. Como afirmava Frankl (1946), o que sustenta o ser humano diante do sofrimento não é o prazer nem o poder, mas o sentido. E quando esse sentido está presente no ato profissional, ele transforma o cotidiano em missão.

Desta forma a espiritualidade, vivida com discrição e coerência, oferece ao profissional da saúde um alicerce interior que o capacita para uma escuta mais profunda, uma presença mais plena e um cuidado mais comprometido. A fé, quando integrada à prática clínica com maturidade e ética,

não afasta, não exclui e não julga. Ao contrário: ela aproxima, fortalece e acolhe. E é por meio dessa integração que o cuidado torna-se, de fato, um gesto de presença.

3.6 Maestria ética entre emoção, técnica e propósito

A vida profissional, quando vivida com densidade ética, sensibilidade relacional e abertura ao sentido, torna-se uma jornada de autoformação contínua. Para alguns, a profissão é um meio de sobrevivência; para outros, um lugar de excelência técnica. Mas há casos em que ela se transforma em síntese viva entre vocação, competência e serviço. É nesse ponto que a trajetória de Átila José Gomes se inscreve: como expressão de uma maestria construída não por atalhos, mas por escolhas sustentadas no tempo.

A maestria, aqui, não se confunde com perfeição, status ou domínio absoluto. Trata-se de um estado de integração interna entre o que se sente, o que se sabe e o que se oferece. Ela nasce da escuta de si, amadurece na escuta do outro e se consolida na coerência entre os valores professados e os gestos cotidianos. Na prática odontológica, essa maestria manifesta-se na união entre técnica refinada, presença empática e cuidado ético. No empreendedorismo, revela-se na liderança que inspira, na gestão com propósito e na coragem de construir ambientes afetivos em meio a estruturas produtivas.

A inteligência emocional, que sustentou os primeiros passos do autor em meio à escassez e ao silêncio afetivo, transformou-se no fio condutor de sua atuação profissional. Como propôs Daniel Goleman (1995), a capacidade de

reconhecer, regular e expressar emoções de forma ética não é secundária: é fundamento da liderança sensível, do cuidado humanizado e da permanência diante dos desafios. Essa inteligência tornou possível escutar a dor do outro sem se endurecer, sustentar vínculos diante do conflito e empreender sem abrir mão da compaixão.

Na Odontologia, essa integração revelou-se particularmente exigente. Lidar com o corpo do outro, tocar regiões de dor, acolher histórias atravessadas por traumas e vergonha requer mais do que formação acadêmica. Exige uma presença íntegra, uma escuta que compreenda o não dito e uma espiritualidade que sustente o gesto técnico com sentido. A boca, como território simbólico, ensinou ao autor que o sorriso não é só estético: é pertencimento, reencontro e liberdade. E cuidar dele é cuidar da dignidade de quem, por vezes, já não acreditava merecê-la.

No campo do empreendedorismo, a maestria exigiu ainda outro nível de maturidade. Conduzir equipes, gerir clínicas, equilibrar demandas financeiras e manter o compromisso ético são tarefas que testam constantemente a solidez dos valores. A liderança humanizada, sustentada por empatia, escuta e discernimento, mostrou-se o caminho possível para unir resultados e relações, excelência e sensibilidade. Como lembra Viktor Frankl (1946), o ser humano só se realiza plenamente quando se coloca a serviço de algo maior. No caso do autor, esse algo maior é o cuidado com o outro e esse cuidado estrutura sua prática, sua gestão e sua presença.

O ponto de encontro entre esses três eixos inteligência emocional, prática clínica e empreendedorismo

é a escolha cotidiana por uma ética da presença. Estar inteiro onde se está. Agir com coerência, mesmo quando ninguém observa. Tratar com respeito, mesmo quem não tem como retribuir. Liderar sem manipular. Ouvir sem pressa. Tocar sem ferir. É nesse conjunto de atitudes silenciosas que a maestria se expressa.

Portanto, ser dentista, ser empreendedor e ser emocionalmente maduro não são identidades distintas, mas faces complementares de um mesmo projeto de vida. Um projeto que não nasceu pronto, mas foi esculpido no tempo, na escuta, no trabalho, na oração e na entrega. Um projeto que continua em construção, mas que já encontrou seu eixo: servir com competência, cuidar com respeito e viver com sentido.

Recomeçar, então, é mais do que reiniciar um projeto. É reafirmar uma escolha de vida, mesmo com tudo que já se perdeu. E é essa decisão, consciente e silenciosa, que me acompanha desde então.”

Cuidar em tempos extremos: ética, medo e reinvenção durante a pandemia

4.1 O impacto imediato: medo, suspensão e silêncio

No início de 2020, o cotidiano profissional foi abruptamente interrompido por um fenômeno global que redefiniu fronteiras, relações e certezas: a pandemia de COVID-19. A suspensão das atividades clínicas regulares não foi apenas uma medida sanitária, mas uma vivência de descontinuidade existencial. Pela primeira vez, o ato de cuidar tornara-se, paradoxalmente, um risco. A consulta, outrora espaço de acolhimento, passava a carregar consigo a possibilidade de contágio. A ausência dos pacientes nas salas de espera, o silêncio dos equipamentos desligados e o vazio das agendas expunham um cenário inédito: o da vulnerabilidade estrutural do trabalho em saúde.

Naquele momento inicial, dominado por incertezas, a sensação era de deslocamento interno. Não se tratava apenas da suspensão física do atendimento, mas da suspensão simbólica de um modo de existir. O consultório, lugar de rotina e previsibilidade, havia se tornado um território interditado. Era preciso, antes de tudo, enfrentar o medo, medo do vírus, da falência, do abandono e do esquecimento. A solitude clínica ganhava, então, contornos

éticos: como cuidar em tempos de risco? Como preservar a dignidade profissional diante da impossibilidade do toque?



O uso dos equipamentos de proteção individual, a reorganização dos fluxos internos e a busca por orientações atualizadas tornaram-se gestos diários de resistência. Entretanto, nenhum protocolo técnico era capaz de silenciar o barulho interior provocado pelo medo. A cada notícia de um colega contaminado, a cada paciente que deixava de comparecer, crescia a consciência de que a pandemia não era apenas um evento epidemiológico, mas uma experiência emocional de ruptura. Como afirma Byung-Chul Han (2010), o colapso das rotinas e o vazio instaurado pelo silêncio pandêmico revelam um espaço necessário de escuta interior, onde o sujeito é confrontado com o que não pode controlar.

A formação odontológica, marcada tradicionalmente por sua ênfase técnica, revelou-se insuficiente para sustentar as angústias daquele período. O conhecimento acumulado ao longo da carreira não eliminava o sentimento de desamparo. Foi preciso ativar outros recursos: espiritualidade, redes de apoio, introspecção. Como reforça Leonardo Boff (1999), o cuidado autêntico nasce da capacidade de acolher a fragilidade a própria e a do outro sem buscar respostas imediatas, mas com presença responsável.

O silêncio da pandemia convidava à revisão de prioridades e ao aprofundamento de uma ética da permanência, mesmo na ausência da prática. Esse cenário liminar, situado entre o que se foi e o que ainda não se sabia como seria, revelou com força a necessidade de um novo modo de estar na profissão. Um modo que não dependesse apenas da produtividade, mas que reconhecesse o valor do cuidado mesmo em tempos de espera.

O impacto da pandemia foi, assim, um chamado: para repensar, reorganizar e reencontrar, na fragilidade, a potência de continuar.

4.2 Quando a clínica vira casa: escuta, escassez e reinvenção

Com as portas do consultório fechadas para atendimentos eletivos, a clínica transformou-se em extensão da minha própria casa. O espaço físico permanecia silencioso, mas a demanda humana não desapareceu; apenas trocou de forma. Pacientes antes presentes na

cadeira odontológica passaram a buscar orientação por mensagens, chamadas de vídeo ou simples áudios carregados de ansiedade. Nessa fase, descobri que escuta não depende de presença física. Ela exige atenção, tempo e disposição verdadeira para acolher o desconhecido. Como já apontava Carl Rogers (1951), escutar de forma autêntica é criar um ambiente psicológico seguro, no qual o outro se sente legitimado em sua dor.

A escassez material impôs criatividade. Sem a rotina de procedimentos, priorizei a atualização de protocolos de biossegurança, reorganizei estoques reduzidos de material de proteção e ajustei finanças à nova realidade. Contudo, mais desafiador do que equilibrar custos foi sustentar a confiança daqueles que dependiam de mim. Era preciso assegurar que o cuidado continuava, mesmo à distância, e que a clínica, embora fechada, mantinha-se viva como lugar simbólico de acolhimento. Para Joan Tronto (1993), o cuidado ético exige não apenas competência técnica, mas também responsabilidade moral com a continuidade do vínculo, mesmo sob condições adversas.

Esse período evidenciou a importância de uma comunicação clara. Expliquei, paciente a paciente, o que podíamos fazer remotamente e quais sinais exigiam intervenção presencial urgente. Atendi pais temerosos, idosos isolados, jovens em crise de ansiedade. A odontologia, por um instante, ultrapassou o limite do dente para alcançar a esfera do afeto e da saúde mental. Descobri que reinvenção é menos sobre técnica e mais sobre postura. Trata-se de aceitar a fragilidade do momento e responder com humanidade. Como afirma Viktor Frankl (1946), o sentido da vida não é algo dado, mas construído na resposta

pessoal às situações extremas e o cuidado, mesmo em suspensão, torna-se um ato de sentido.

Ao mesmo tempo, busquei formação continuada em formato on-line, participei de grupos de discussão e compartilhei protocolos bem-sucedidos com colegas. A troca de experiências revelou uma comunidade profissional que, mesmo distante, uniu-se em torno do propósito de proteger vidas. Senti que a clínica, agora híbrida, expandia-se para além das paredes físicas: tornava-se espaço ético de presença virtual, onde a palavra valia tanto quanto o procedimento.

Quando, enfim, as restrições começaram a ceder, percebi que nada voltaria a ser como antes. A experiência de cuidar sem toque, de orientar sem intervenção direta, de confiar na força do vínculo em meio à incerteza, ampliou minha compreensão de responsabilidade. A clínica, transformada em casa, ensinou-me que o cuidado verdadeiro não se limita ao consultório: ele acompanha o paciente em sua própria travessia.

4.3 O corpo em risco: ética e proteção em tempos incertos

Retornar ao consultório em meio à pandemia foi um processo gradual e profundamente ético. A reabertura não se deu por imposição econômica, mas por discernimento e preparo. Antes de tocar novamente o rosto de um paciente, precisei revisitar o meu próprio medo. A possibilidade do contágio não era teórica. Estava presente no manuseio de cada instrumento, na respiração contida por trás das máscaras, no vapor do ar-condicionado, no contato com

superfícies. O corpo, esse território tantas vezes invisibilizado na rotina clínica, tornava-se agora o centro de tudo: corpo que cuida, corpo que arrisca, corpo que pode ser vetor ou vítima.

Adotei todas as normas de biossegurança recomendadas pelas autoridades sanitárias, reformulei protocolos internos, redobrei a atenção aos fluxos de entrada e saída, adquiri novos equipamentos de proteção e reorganizei o tempo dos atendimentos. Contudo, compreendi que nenhuma dessas medidas teria efeito se não fossem sustentadas por uma atitude ética cotidiana. Como afirma Joan Tronto (1993), o cuidado ético começa quando o sujeito se responsabiliza ativamente pelo bem-estar do outro, mesmo quando isso exige sacrifícios pessoais. E, naquele momento, cuidar significava também limitar, recusar, redirecionar.



Era preciso atender menos, mas com mais atenção. Ver menos pacientes, mas olhá-los por inteiro. Reduzir a duração dos procedimentos, mas ampliar a escuta. Estávamos todos mais frágeis: os idosos vinham carregando angústias; as crianças, confusas entre medo e saudade; os adultos, exaustos entre trabalho remoto e insegurança financeira. O consultório deixava de ser apenas espaço de técnica para se converter em território emocional. Como ressaltava Donald Winnicott (1971), o ambiente seguro é, por si, terapêutico. E foi esse ambiente, cuidadosamente recriado, que se tornou prioridade absoluta em minha prática.

A ética do cuidado não se resume à adoção de normas. Ela exige, também, o cultivo da sensibilidade. Escutar uma queixa simples com atenção renovada. Reconhecer no silêncio do paciente um trauma. Ajustar o tom da voz para conter a ansiedade. Cuidar do outro, sobretudo em contextos de risco, não é um gesto heróico. É, como ensina Paul Ricoeur (2000), um compromisso que nasce da responsabilidade concreta diante da vulnerabilidade real.

Nesse período, compreendi que proteger o corpo do outro é também respeitar a sua confiança. Cada paciente que adentrava o consultório trazia consigo o medo da exposição, mas também a esperança de ser cuidado com responsabilidade. E a cada atendimento, eu reafirmava silenciosamente um pacto: entre técnica e presença, entre proteção e acolhimento, entre prudência e afeto.

4.4 O cuidado como compromisso público

Durante a pandemia, compreendi que cuidar não se limitava ao espaço do consultório. O gesto clínico, antes circunscrito ao atendimento individual, expandiu-se em direção à coletividade. A proteção não dizia respeito apenas ao paciente que estava diante de mim, mas também à comunidade que o cercava: seus filhos, seus pais, seus colegas de trabalho. Cada ação segura realizada na clínica tornava-se um elo de uma corrente invisível de responsabilidade mútua. O cuidado ganhava, assim, uma dimensão pública.

Em momentos de crise, o profissional da saúde não é apenas um técnico; ele se torna figura simbólica de confiança social. Percebi que a forma como eu me posicionava nas redes sociais, nas conversas informais, nas orientações que oferecia interferia diretamente na maneira como as pessoas enfrentavam o medo coletivo. A palavra, nesse contexto, passou a ser instrumento de saúde. Como afirma Paulo Freire (1996), todo ato de fala é também um ato político, pois educa, forma, orienta ou silencia. Escolher comunicar-se com responsabilidade tornou-se, portanto, parte essencial da minha atuação.

Passei a responder dúvidas sobre vacinas, a compartilhar informações seguras, a combater boatos. Fui procurado por pacientes em busca não apenas de atendimento, mas de sentido. Muitos chegavam angustiados, outros descrentes, alguns revoltados. E minha postura precisava ser firme, mas acolhedora. Como aponta Hans Jonas (1984), a ética do futuro exige que nos responsabilizemos pelas consequências dos nossos atos

para as próximas gerações. Cuidar do presente, nesse sentido, é também proteger o amanhã.

Em várias ocasiões, percebi que minha presença, ainda que breve, gerava impactos que ultrapassavam o ato clínico. Uma escuta atenta, uma explicação clara sobre um protocolo, uma atitude serena diante da incerteza tudo isso contribuía para restaurar a confiança coletiva. Como reforça Adela Cortina (2003), a ética da responsabilidade social exige que os profissionais não apenas dominem suas funções, mas estejam conscientes do lugar que ocupam na teia da vida pública.

Ao final de cada dia, compreendi que a clínica havia se tornado não apenas um lugar de trabalho, mas um espaço de resistência ética, um ponto de apoio silencioso para a reconstrução da confiança social. O cuidado, antes concentrado no dente, agora se expandia para o vínculo, para o território comum, para o que nos une como seres humanos expostos, frágeis e interdependentes.

4.5 O legado emocional do cuidado em tempos de crise

Ao olhar para trás, percebo que a pandemia não deixou apenas um rastro de perdas e reconfigurações. Ela também gerou um legado emocional silencioso, uma espécie de memória afetiva que permanece nos gestos, nas palavras e na forma como me posiciono diante da vida profissional. Aquilo que vivemos não se apagou. Está presente em mim, na escuta que se aprofundou, na paciência que se expandiu, na compaixão que se tornou mais concreta.

Alguns pacientes ainda chegam temerosos, mesmo com os protocolos atuais mais flexíveis. Há algo que ficou impresso no corpo coletivo: a fragilidade como experiência compartilhada. E isso, longe de enfraquecer o cuidado, o tornou mais autêntico. Aprendi que não é possível cuidar verdadeiramente sem considerar a dimensão emocional daquele que chega e também daquele que cuida. Como sustenta Daniel Goleman (1995), a inteligência emocional é fator determinante para a construção de vínculos duradouros e empáticos. E foi essa inteligência adquirida menos por teoria e mais por vivência que se tornou ferramenta indispensável em minha prática cotidiana.

O cuidado deixou de ser apenas técnico. Tornou-se um exercício de atenção plena. Passei a perceber nuances no olhar dos pacientes, hesitações em suas vozes, silêncios que pediam escuta e não preenchimento. A clínica transformou-se em espaço onde vulnerabilidade não é sinal de fraqueza, mas condição legítima de existência. Como escreve Martha Nussbaum (2001), reconhecer a vulnerabilidade é parte essencial de uma ética sensível, pois só assim é possível responder com humanidade às dores do outro.

Internamente, a pandemia também me ensinou sobre limites. Não posso tudo. Não sei tudo. E não preciso oferecer todas as respostas. O que posso e devo oferecer é uma presença íntegra, um gesto honesto, uma postura coerente com aquilo que acredito. Esse reconhecimento dos próprios limites, paradoxalmente, ampliou minha força. Trouxe-me de volta ao centro: ao compromisso com o sentido do cuidado.

O que permanece, portanto, não é o medo. É o compromisso. A disposição para continuar servindo, mesmo sabendo que a estabilidade é frágil. A escolha de permanecer inteiro, mesmo em meio à exaustão. A certeza de que, em tempos de crise ou de calma, o cuidado só é verdadeiro quando é também afetivo, ético e real.

Empreender com propósito: gestão ética, expansão e legado

5.1 Empreender como extensão da fé e do compromisso com o outro

Ao revisitar minha trajetória empreendedora, percebo que o ato de empreender nunca se limitou a abrir empresas ou buscar crescimento econômico. Sempre estive relacionado a um gesto mais profundo: um desdobramento ético e espiritual do compromisso com o outro e com o sentido do trabalho. A fundação da Casa do Dentista, a adesão à Rede Orto, os enfrentamentos durante a pandemia e a forma como me comunico publicamente não são episódios isolados. São expressões coerentes de um mesmo eixo: o de viver com propósito e transformar minha profissão em missão.

Minha fé cristã, longe de ser um adorno retórico, tornou-se critério de discernimento nas decisões mais difíceis. Esteve presente no momento da fundação da clínica, quando os recursos eram escassos, mas a convicção era sólida. Sustentou as renúncias feitas para manter valores inegociáveis durante a adesão à franquia. E se fortaleceu ainda mais no período da crise sanitária, quando liderar exigiu coragem serena, cuidado ampliado e profunda confiança de que servir, mesmo em incerteza, ainda era o caminho mais justo.

Inovar, para mim, não foi seguir tendências de mercado, mas escutar os sinais do tempo e responder com sentido. Cada mudança seja na estrutura de atendimento ou na linguagem de marketing buscou preservar o humano em meio às exigências técnicas. O crescimento da clínica nunca foi um fim em si mesmo. Foi um meio para cuidar melhor, ampliar acesso, gerar dignidade.

A inteligência emocional, discutida nos capítulos anteriores, encontrou aqui sua manifestação mais concreta: no discernimento para liderar com sensibilidade, na empatia para gerir pessoas em momentos críticos, na escuta ativa das demandas da comunidade e na capacidade de transformar obstáculos em aprendizado coletivo. Como lembra James Hunter (2004), liderar é servir com consciência e amor. E empreender, sob essa ótica, é construir estruturas que sustentem esse serviço.

A ética não esteve à margem do crescimento, mas foi seu alicerce. A espiritualidade não serviu como argumento de autojustificação, mas como critério de coerência. O marketing não foi usado como isca, mas como meio de comunicação cuidadosa. E o lucro, em nenhum momento, anulou a missão, pois sempre esteve subordinado ao bem que se desejava oferecer. Essa maturidade ética, rara em tempos de pragmatismo veloz, foi sendo forjada com escuta, formação contínua e fidelidade às origens.

Em um país onde empreender muitas vezes é ato de sobrevivência, busquei fazer desse movimento um ato de esperança, um gesto espiritual e uma forma concreta de amar o outro por meio do trabalho. Essa escolha não

romantiza a dureza da realidade, mas oferece resistência a ela.

Encerrar essa reflexão não é encerrar uma fase. É reafirmar um princípio: o verdadeiro empreendedorismo com propósito não nasce da busca por autonomia econômica, mas do compromisso com a transformação ética e afetiva da realidade. E quando essa transformação se dá a partir da fé, da escuta e da presença, ela ultrapassa os muros da empresa e se torna prática contínua de cuidado com o mundo.

No processo de consolidação da Casa do Dentista como espaço de cuidado ampliado, surgiu espontaneamente uma prática que ultrapassava os limites do atendimento odontológico: a criação de uma biblioteca comunitária dentro da clínica. A partir de reuniões semanais realizadas com pacientes, colegas, familiares e membros da comunidade religiosa, fundamentadas na escuta mútua e na leitura das Escrituras à luz dos desafios cotidianos, nasceu uma rede de apoio informal, mas profundamente significativa.

Esses encontros não tinham caráter institucional, mas revelavam uma postura ética e solidária de partilha e orientação que se estendia para além do consultório. Neles, discutiam-se questões ligadas à vida pessoal, saúde emocional, dificuldades familiares e questões financeiras. Em resposta às demandas emergentes, foram sendo adquiridos e disponibilizados livros voltados às 12 áreas da vida humana, conforme as necessidades identificadas. Com isso, a biblioteca passou a operar como instrumento de

aconselhamento silencioso, em que o conhecimento era compartilhado com afeto e responsabilidade.

Essa prática, preservada tanto na Casa do Dentista quanto posteriormente na Rede Orto, evidenciava uma gestão comprometida não apenas com resultados técnicos, mas com o bem-estar integral do outro. Paralelamente, foi implementada uma sala dedicada à entrega de cestas básicas e roupas, reforçando a clínica como espaço de acolhimento e dignidade, sobretudo em tempos de vulnerabilidade social.

Essa dimensão comunitária do empreendimento reforça o entendimento de que a clínica pode ser, também, território ético e espiritual, onde a gestão se articula com a escuta, o cuidado e a justiça distributiva. Tal abordagem fortalece o sentido de missão, conferindo densidade à prática empreendedora e reafirmando que o verdadeiro legado não está nos lucros obtidos, mas na transformação silenciosa da realidade concreta.

5.2 Empreender como extensão da fé e da missão

Expandir é verbo delicado. Quando desconectado do sentido, ele pode ser confundido com vaidade, ambição desmedida ou mera busca por escala. No entanto, em minha trajetória profissional, o crescimento da Casa do Dentista nunca foi um fim em si mesmo. Foi consequência natural de uma prática construída com cuidado, escuta e compromisso com o bem coletivo.

A Casa do Dentista nasceu pequena, movida mais por convicção interna do que por estabilidade material. Havia

incertezas, limitações logísticas e desafios de organização, mas havia também um desejo nítido de oferecer um espaço onde o cuidado fosse exercido com dignidade, ética e acolhimento. Esse desejo, com o tempo, foi sendo compartilhado por pacientes e colaboradores, gerando vínculos sustentáveis e afetivos.

O crescimento físico da clínica novas salas, equipamentos atualizados, ampliação de horários foi acompanhado por um processo igualmente relevante: o amadurecimento da equipe. Entendi desde o início que uma estrutura sólida só se sustenta com relações confiáveis. Investi, portanto, na formação de pessoas, na valorização do diálogo, na construção de uma cultura organizacional baseada na responsabilidade e na escuta.

Com o aumento da demanda, veio a necessidade de reconfigurar processos, desenvolver protocolos de atendimento e garantir que o padrão ético inicial não se perdesse. Foi nesse momento que se tornou evidente que a expansão só seria legítima se mantivesse o mesmo eixo: o paciente no centro, e não a produtividade como meta absoluta. Essa escolha, embora mais lenta, ofereceu sustentabilidade relacional e credibilidade pública.

A decisão de integrar a Rede Orto foi fruto dessa maturidade institucional. A franquia representava, por um lado, a possibilidade de ampliar o alcance e, por outro, o desafio de preservar a identidade construída. Não se tratava de renunciar à autonomia, mas de alinhar-se a uma estrutura maior sem diluir a essência. E foi isso que buscamos fazer: somar forças, sem perder a essência.



O reconhecimento da comunidade local não veio por campanhas agressivas, mas pela consistência dos vínculos. Pacientes indicavam a clínica não pelo preço, mas pela experiência vivida. Famílias inteiras passavam a confiar seus cuidados à mesma equipe. A confiança tornou-se capital simbólico da clínica. E essa confiança foi cultivada com tempo, verdade e presença sensível.

O momento da consolidação institucional foi marcado pela formação de uma equipe estável e alinhada aos valores da missão. Cada profissional foi escolhido não apenas por sua competência técnica, mas por sua capacidade de compreender o cuidado como expressão ética. Nessa fase, tornou-se ainda mais visível que expandir com sentido é, acima de tudo, cultivar coerência no cotidiano.



5.3 Marketing com valores: visibilidade, confiança e serviço com verdade

No universo contemporâneo, o marketing é frequentemente associado à lógica da persuasão, com foco em estratégias de visibilidade e ampliação de mercado. Entretanto, quando transportado para o campo da saúde, esse modelo tradicional pode comprometer valores centrais como ética, responsabilidade social e verdade. A trajetória do autor, especialmente durante a gestão da clínica e da atuação como franqueado, demonstra uma ruptura consciente com práticas comunicacionais genéricas,

abrindo espaço para uma proposta de comunicação responsável e alinhada à missão institucional.

A construção dessa nova abordagem não foi imediata. No início da jornada empreendedora, houve contato com fórmulas de marketing baseadas em gatilhos emocionais e no uso de escassez como apelo comercial. Apesar da aparente eficácia desses métodos, logo se tornou evidente a sua incongruência com a proposta de cuidado humanizado, sustentada na escuta, na confiança e na dignidade do paciente. A prática clínica exigia outra linguagem: uma comunicação que educasse, acolhesse e transmitisse credibilidade.

Neste sentido, os estudos sobre marketing com propósito, conduzidos por Philip Kotler (2010), foram fundamentais. Segundo o autor, o marketing não deve criar necessidades artificiais, mas responder a demandas reais, construindo pontes entre o profissional e a comunidade. Na clínica, essa compreensão foi traduzida em ações concretas: campanhas educativas, vídeos explicativos com linguagem acessível, conteúdos voltados à promoção da saúde bucal e à valorização da autonomia do paciente.

A imagem pública da clínica, portanto, passou a ser pensada como extensão da prática assistencial. Evitou-se o uso de promessas genéricas, slogans comerciais ou simulações idealizadas. A comunicação passou a refletir os valores reais da equipe: clareza, transparência e coerência entre discurso e ação. Em datas comemorativas, por exemplo, optou-se por mensagens com foco afetivo e educativo, em lugar de ofertas promocionais. Essa escolha,

embora menos imediatista, fortaleceu a percepção da clínica como espaço ético e confiável.

A adoção dessa estratégia comunicacional foi reforçada por diretrizes do Sebrae voltadas à atuação de microempreendedores em territórios populares. Segundo a instituição, comunicar-se com autenticidade e respeitar o contexto da comunidade é um diferencial ético e estratégico. Ao integrar essas orientações, a clínica não apenas ampliou sua visibilidade, como consolidou seu vínculo com o território em que atuava.

Essa imagem ilustra de forma simbólica o marketing como serviço educativo e visibilidade com responsabilidade. Mais do que divulgar um serviço, o autor está compartilhando conhecimento, reforçando a credibilidade técnica sem romper com os princípios de empatia e escuta ética.



Por fim, é importante destacar que, nesse modelo, o marketing deixa de ser uma ferramenta de convencimento e passa a ser uma forma de presença ética. Ele comunica não só o que se faz, mas o sentido de se fazer. Informa sem iludir, aproxima sem manipular. E ao fazê-lo, transforma o cotidiano empresarial em espaço de cuidado ampliado.

5.4 Empreender como missão

Ao revisitar a trajetória empreendedora do autor, torna-se evidente que o ato de empreender nunca esteve dissociado de sua dimensão ética e existencial. Mais do que abrir uma empresa ou administrar uma clínica, trata-se de viver um chamado que articula técnica, fé e compromisso social. A Casa do Dentista, a adesão à Rede Orto, as decisões tomadas durante a pandemia e a maneira como se concebeu o marketing não são iniciativas isoladas, mas manifestações coerentes de um mesmo eixo: a fidelidade a um propósito que transcende o lucro e o prestígio profissional.

A espiritualidade cristã foi central nesse percurso. Não como discurso moralizante ou instrumento de autopromoção, mas como critério silencioso que orientou escolhas difíceis. Desde a fundação da clínica, em contexto de limitações financeiras, até a decisão de não abrir mão de princípios durante pressões institucionais, a fé revelou-se força estruturante. Como enfatiza Viktor Frankl (2008), o sentido da vida não se encontra nas circunstâncias, mas na forma como se responde a elas com liberdade e responsabilidade.

Esta imagem reforça visualmente a ideia de que o autor integrou sua formação técnica, prática profissional e presença ética em espaços de diálogo e aprofundamento científico. Estar entre pares, aprendendo, escutando e compartilhando experiências, é expressão de uma liderança que se constrói com humildade, formação contínua e abertura ao outro.



Na experiência do autor, liderar significou servir com consciência, cuidar de pessoas, tomar decisões com empatia e transformar dificuldades em possibilidades de crescimento. Essa concepção de liderança encontra ressonância em James Hunter (2004), que define liderança como o ato de influenciar pessoas por meio do serviço, da confiança e da coerência.

É também nesse ponto que a inteligência emocional trabalhada anteriormente ganha densidade: liderar com escuta ativa, lidar com conflitos de modo respeitoso, reconhecer limites pessoais e agir com discernimento. Esses

aspectos, longe de serem habilidades acessórias, tornaram-se pilares para sustentar a missão em meio à complexidade da gestão de pessoas e da saúde.

A ética não foi tratada como retórica, mas como prática cotidiana. Isso implicou decisões difíceis, como recusar propostas incompatíveis com os valores institucionais, aceitar limitações financeiras temporárias e preservar vínculos humanos mesmo quando isso não era economicamente vantajoso. Como afirma Leonardo Boff (2006), ética é o cuidado com o outro e com o mundo e, neste caso, com a clínica como extensão desse cuidado.

Empreender, nessa perspectiva, é mais do que um ato técnico. É um gesto político, espiritual e pedagógico. É a construção de um espaço onde se promove dignidade, se exercita a escuta e se comunica esperança. Trata-se de resistir às formas hegemônicas de sucesso e afirmar que é possível crescer com sentido e agir com coerência, mesmo diante de desafios estruturais.

5.5 Marketing Ético e Posicionamento Humanizado

A consolidação de uma trajetória profissional marcada por excelência clínica e coerência ética demandou também uma atenção criteriosa à comunicação institucional. O marketing, nesse contexto, jamais foi tratado como ferramenta de convencimento ou espetáculo, mas como meio de diálogo com a sociedade. Inspirado pelos princípios da bioética e do cuidado centrado no paciente (Beauchamp; Childress, 2001), o autor estruturou sua presença pública com transparência, escuta e verdade.

Diferentemente de estratégias voltadas à autopromoção vazia, o posicionamento humanizado priorizou conteúdos educativos, orientações práticas de saúde bucal e testemunhos reais de pacientes. As redes sociais e os canais de divulgação foram pensados como espaços de construção de confiança, e não como vitrines de performance. A presença pública era, acima de tudo, um reflexo do que já acontecia nos bastidores clínicos: respeito, empatia e compromisso com o bem-estar.



A estética visual adotada nas campanhas também seguiu um critério ético. Evitou-se a exposição de imagens sensacionalistas ou comparações de “antes e depois” que reduzissem a complexidade do cuidado odontológico. Em vez disso, optou-se por retratar contextos reais, com consentimento informado, e destacar valores como acolhimento, escuta ativa e segurança.

O resultado dessa postura foi a formação de uma comunidade de pacientes conscientes, que não buscavam soluções mágicas, mas vínculos de confiança. O marketing, então, transformou-se em educação em saúde, e a presença digital tornou-se extensão da prática clínica comprometida com o outro.

A fala pública, a participação em eventos comunitários e o uso de plataformas digitais foram estratégias sinérgicas à missão. Afinal, comunicar com responsabilidade é, também, cuidar do imaginário coletivo sobre o que é ser profissional da saúde.

Conclusões Finais: A Jornada com Sentido Permanece

Ao refletir sobre o percurso profissional aqui retratado, compreende-se que a trajetória do autor não se define apenas por conquistas técnicas ou posicionamentos estratégicos, mas por uma missão cultivada no silêncio das escolhas cotidianas, alicerçada em valores que resistem ao tempo e ao mercado. Este livro é mais do que uma cronologia de êxitos; é um testemunho de que é possível exercer a odontologia com sentido, ética e presença integral.

O cuidado aqui descrito não foi apenas clínico, mas relacional. O paciente nunca foi reduzido a um procedimento, mas reconhecido em sua humanidade. Essa postura não emergiu por acaso. Foi moldada por experiências, mentorias, perdas e esperanças e sobretudo, pela escuta atenta aos que não tinham voz. Cada decisão empreendedora esteve vinculada a uma escuta ética, e cada novo passo, ancorado no compromisso com a dignidade do outro.

A missão expandida internacionalmente, a busca por formações consistentes, o compromisso com o aperfeiçoamento técnico e a gestão responsável revelam uma coerência rara entre discurso e prática. Não se trata de um itinerário idealizado, mas de uma travessia que aceitou

seus próprios limites para não renunciar à integridade. A coerência, como demonstrado, não é ausência de conflito, mas fidelidade ao que importa.

Como lembra Viktor Frankl (2008), o sentido da vida não se encontra pronto, mas é construído na resposta ética que se dá ao mundo. E foi nesta obra que se revelou uma vida cujo sentido se manifesta em cada atendimento silencioso, em cada paciente respeitado, em cada decisão tomada com o outro em mente.

Família alicerce afetivo e ético de toda a jornada



É nesse contexto que se revela o fundamento invisível e insubstituível de toda essa trajetória: a família. Mais do que apoio, ela representa a essência silenciosa da missão. Em meio a tantas decisões exigentes, deslocamentos geográficos e reinícios institucionais, a presença familiar foi

abrigo, direção e afeto. Assim, conclui-se esta obra não com um ponto final, mas com o reconhecimento público de que, por trás de todo cuidado ético, há laços que sustentam a esperança.

A missão não se encerra, pois permanece viva no cotidiano. O autor segue como alguém que não apenas trata, mas escuta; que não apenas realiza, mas transforma. A odontologia, para ele, seguirá sendo um gesto de cuidado. E esse gesto será sempre atravessado pela presença amorosa dos que caminham ao seu lado, no consultório e na vida.

Posfácio

Este livro não se limita a relatar marcos de uma carreira clínica bem-sucedida. Ele inaugura um campo de sentido: o de que é possível exercer a odontologia como vocação ética, como missão social e como testemunho de presença humana responsável. As páginas anteriores comprovaram que o saber técnico, embora imprescindível, não é suficiente quando se deseja oferecer saúde como dignidade.

O autor revela, com generosidade e lucidez, que cada escolha – desde a fundação de uma clínica até a revalidação de um diploma em outro país – foi atravessada por perguntas mais profundas do que as que cabem nas metas e nos currículos. As perguntas foram existenciais: “Como quero servir?”, “Quem desejo alcançar?”, “O que sustenta meu fazer?”

E é precisamente porque essas perguntas não têm respostas prontas que este livro se mostra tão necessário. Ele não é um manual, mas um ato reflexivo. Não busca ensinar fórmulas de sucesso, mas provocar consciência sobre o modo como exercemos o cuidado em tempos tão apressados, tão digitais e, por vezes, tão desumanizados.

Neste posfácio, o que permanece é o convite: que outros profissionais da saúde – não apenas dentistas – reconheçam que há valor inegociável na escuta, que há potência transformadora na ética, e que é possível empreender sem perder a alma.

Como afirmou Leonardo Boff (1999), “cuidar é mais que um ato, é uma atitude. Abrange mais que um momento de atenção, de zelo e de desvelo. Representa uma atitude de ocupação, preocupação, de responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro.” Esta obra foi escrita sob esta atitude, e dela emerge uma odontologia comprometida com a vida, e não apenas com o procedimento.

Que os leitores, ao fecharem estas páginas, não encerrem a reflexão, mas a ampliem em seus próprios contextos. Que transformem consultórios em lugares de vínculo, e que compreendam, como fez o autor, que a excelência técnica só ganha sentido quando dialoga com o humano, em sua inteireza, limite e potência.

Referências Bibliográficas

BEAUCHAMP, Tom L.; CHILDRESS, James F. *Principles of Biomedical Ethics*. 5. ed. New York: Oxford University Press, 2001.

BOFF, Leonardo. *Saber Cuidar: ética do humano – compaixão pela terra*. Petrópolis: Vozes, 1999.

FRANKL, Viktor E. *Man's Search for Meaning*. Boston: Beacon Press, 1946. (Título em português: *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. São Paulo: Vozes, edições variadas.)

GOLEMAN, Daniel. *Inteligência Emocional: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

HUNTER, James C. *O Monge e o Executivo: uma história sobre a essência da liderança*. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

KOTLER, Philip. *Marketing 3.0: as forças que estão definindo o novo marketing centrado no ser humano*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

RICOEUR, Paul. *La mémoire, l'histoire, l'oubli*. Paris: Éditions du Seuil, 2000.

(Título em português: *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.)

SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. *Marketing para microempreendedores em territórios populares*. Brasília: SEBRAE Nacional, 2018.

Minibiografia



Átila José Gomes é cirurgião-dentista com sólida trajetória clínica e acadêmica no Brasil e no exterior. Atua há mais de duas décadas na área da odontologia humanizada, com ênfase em gestão com propósito, comunicação ética e cuidado integral. Sua formação técnica é complementada por experiência em docência, liderança de equipes e abordagens terapêuticas integradas ao bem-estar emocional dos pacientes.

Contatos: athilla@hotmail.com

@atiladentista



ISBN: 978-6-55321-024-0



9 786553 210240